DESCOLONIZANDO O CURRÍCULO: EXPERIÊNCIAS DE INTERCULTURALIDADE NO CONTEXTO AMAZÔNICO

[1]**Patricia dos Santos Trindade ;** [2]Jéssica Batista dos Santos

[1] Professora Associada do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas, Parintins- AM. Orientadora do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), UFAM – Parintins, e-mail: pstrindade@ufam.edu.br

[2] Professora da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar- AM, Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), UFAM – Parintins, e-mail: jessica.santos@prof.am.gov.br

RESUMO: O projeto de ensino intitulado "Dabacuri Literário: Expressões da Cultura Indígena" teve como objetivo promover a valorização da cultura indígena por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares. Desenvolvido em uma escola pública em tempo integral em Parintins, Amazonas, Brasil, entre fevereiro e maio de 2025, o projeto envolveu 241 estudantes do ensino médio nas disciplinas de Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. Fundamentado nas concepções de Freire (1996) e Hernández (2000), o projeto articulou distintos componentes curriculares, incentivando a investigação, a criatividade, a pesquisa e a socialização de saberes. Sua execução ocorreu em cinco etapas, a saber: os estudantes realizaram pesquisas e leituras sobre temáticas indígenas, em seguida, participaram de rodas de conversa que abordaram as lutas, conquistas e produções artísticas dos povos originários, destacando a importância de uma formação decolonial. Posteriormente, elaboraram textos inspirados na literatura indígena e participaram de oficinas interdisciplinares que incluíram coreografias baseadas em toadas, pinturas corporais, dramatizações, confecção de instrumentos e artesanatos. O processo culminou no evento "Dabacuri Literário: Expressões da Cultura Indígena", que integrou diferentes linguagens e saberes. A experiência possibilitou uma ampliação significativa do conhecimento dos estudantes sobre a cultura indígena, contribuindo para uma formação ética, crítica e estética, além de favorecer a valorização de saberes historicamente construídos e frequentemente marginalizados no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação. Interdisciplinaridade. Práticas pedagógicas. Cultura indígena. Parintins-AM.

INTRODUÇÃO

O município de Parintins, Amazonas, Brasil, é mundialmente reconhecido por seu grandioso festival folclórico, protagonizado pelos bumbás Caprichoso e Garantido. Este evento evidencia a riqueza cultural, as crenças, a religiosidade e os costumes dos povos indígenas, negros e caboclos que historicamente habitam a região. Contudo, em um notável paradoxo, observa-se que as temáticas apresentadas nesse espetáculo são pouco discutidas no ambiente escolar, fazendo com que esses saberes permaneçam subexplorados e insuficientemente compreendidos sob uma perspectiva intercultural.

Essa lacuna educacional se reflete nos currículos escolares, conforme apontam Fonseca, Silva e Fernandes (2011) que a formação educacional brasileira tende a valorizar a cultura clássica europeia como atemporal, enquanto desconhece a permanência e a relevância das culturas de povos não europeus. Nessa vertente, os povos indígenas historicamente marginalizados foram invisibilizados ao longo do processo de colonização, gerando marcas que perpetuam contemporaneamente.

Como marco de superação desse cenário, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura afro brasileira e indígena na educação básica, representando um avanço fundamental para a valorização das relações étnico-raciais no contexto escolar (Brasil, 2018). Apesar do avanço, a implementação dessas leis nas escolas ainda enfrenta dificuldades, não apenas como uma questão de obrigatoriedade, mas como um movimento de reconhecimento e visibilidade para povos historicamente inferiorizados no sistema educacional brasileiro (Maldonado; Neira, 2021).

A proposta do projeto “Dabacuri Literário: Expressões da Cultura Indígena” emergiu da iniciativa de um grupo de professores que sentiu a necessidade de promover a visibilidade aos povos originários, especialmente em uma escola que conta com 16 estudantes indígenas de diferentes etnias, alguns dos quais ainda se encontrava em processo de aquisição da Língua Portuguesa. Nesse contexto, o projeto promoveu um ambiente escolar mais acolhedor, valorizando o protagonismo dos estudantes e respeitando as múltiplas identidades presentes na escola,

Assim, todas as atividades desenvolvidas tiveram como objetivo valorizar a cultura indígena por meio de práticas pedagógicas interdisciplinares, fundamentadas em narrativas indígenas, por meio da produção literária e artística dos estudantes – inspiradas na diversidade étnico-cultural – e, ao mesmo tempo, propiciar vivências que favoreceram o respeito às tradições dos povos originários e o fortalecimento da formação cidadã e antirracista no contexto educacional. Em suma, o projeto buscou propiciar vivências que favorecessem o respeito à diversidade e o fortalecimento de cidadãos críticos e reflexivos, visando à consolidação de uma educação antirracista no contexto educacional.

É relevante destacar que, incialmente os estudantes apresentaram resistência, mas conforme o avanço das atividades foi aumentando o interesse e a compreensão sobre a importância de relacionar essas temáticas aos conteúdos curriculares. Essa transformação foi particularmente visível na participação dos estudantes indígenas. Se no começo poucos se

autodeclaravam e hesitavam falar sobre sua cultura, ao longo do processo o envolvimento cresceu, culminando em um claro orgulho de cada produção realizada.

Nesse contexto, compreende-se que os conteúdos escolares devem estar conectados com a realidade dos estudantes, relacionando com o seu mundo, sua história e com seus saberes (Freire, 1996). Paralelamente, entre os estudantes não indígenas, constatou-se uma mudança de percepção. A falta de conhecimento e sensibilidade inicial, que se refletia na incompreensão do papel dos povos originários, deu lugar a um novo entendimento, evidenciando que a discussão em sala de aula é uma forma poderosa de combater estereótipos que limitam a participação desses povos na sociedade.

Ademais, a abordagem interdisciplinar e sistematizada demonstrou ser um divisor de águas, uma vez que os estudantes conseguiram interligar os conhecimentos minimizando a visão fragmentada dos conteúdos propostos nos currículos. Fica, portanto, evidente que a articulação entre as diversas áreas do saber pode contribuir decisivamente para uma educação de qualidade, comprometida com a justiça social e a valorização das diferenças, tornando a escola um espaço possível a partir do diálogo com a realidade dos estudantes.

A percepção dos professores envolvidos converge para um ponto fundamental, haja vista que a abordagem entre as disciplinas da base curricular e as temáticas étnico-raciais transcende o cumprimento de uma mera formalidade pedagógica, ao contribuir decisivamente para a formação integral dos estudantes e para a promoção de uma aprendizagem verdadeiramente significativa. Nesse sentido, é consenso que a abordagem dessas temáticas não deve se restringir a eventos pontuais; pelo contrário, é imperativo que tais discussões sejam institucionalizadas e permeie o Projeto Político Pedagógico da escola, de maneira a envolver, de forma orgânica e contínua, todas as áreas do conhecimento tornando a escola um espaço democrático e socialmente justo.

Evidenciou-se, portanto, que projetos interdisciplinares capazes de articular os conhecimentos curriculares com a realidade do estudante são fundamentais para uma aprendizagem significativa e de qualidade, posicionando o estudante como protagonista na construção do seu próprio saber. Nessa perspectiva, a escola, ao se constituir como um espaço de diálogo cultural, fortalece a relação de pertencimento entre estudantes, professores e a comunidade escolar, promovendo valores como respeito, autonomia e confiança, o que, consequentemente, pode contribuir para minimizar os índices de abandono escolar.

DESENVOLVIMENTO

O presente projeto foi implementado em uma escola pública de tempo integral, localizada no município de Parintins. A iniciativa envolveu a participação de 241 estudantes do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, além dos professores da área de Linguagens e suas Tecnologias. A execução ocorreu entre os meses de fevereiro a maio de 2025, de forma integrada às aulas das disciplinas de Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa.

O projeto fundamentou-se em uma abordagem interdisciplinar, articulando distintos componentes curriculares por meio de práticas pedagógicas que estimularam a investigação, a criatividade, a pesquisa e a socialização de saberes inspirado pelas concepções de Freire (1996) e Hernández (2000) que entendem a aprendizagem como um processo coletivo, dialógico e significativo. Assim, as atividades foram planejadas com objetivo de conhecer e valorizar a diversidade cultural e, ao mesmo tempo, promover o protagonismo juvenil.

A execução do projeto desdobrou-se em cinco etapas: (1) pesquisas e leituras sobre a temática com foco em autores indígenas de destaque como Daniel Munduruku, Márcia Kambeba e Ailton Krenak; (2) realização de rodas de conversa que trouxeram à discussão temas como a luta e as conquistas dos povos indígenas, suas referências, produções artísticas e a importância de uma formação decolonial; (3) os estudantes transitaram da reflexão para a produção, elaborando textos com base na literatura indígena. Assim, organizados em grupos, eles desenvolveram poemas, roteiros para teatro de fantoches e análises de letras de toadas de boi-bumbá.

Dando continuidade a esse processo criativo: (4) constou-se da realização de oficinas interdisciplinares realizadas pelos professores e estudantes da escola, nas quais ocorreram atividades práticas como a elaboração de coreografias a partir das toadas analisadas, pinturas corporais, dramatizações de contos indígenas, a apreciação do ritual da tucandeira e a confecção de instrumentos e artesanatos e; (5) a última etapa culminou na realização do evento "Dabacuri Literário: Expressões da cultura indígena", uma feira cultural aberta a estudantes, professores, funcionários e toda a comunidade escolar.

O evento contou com uma programação que incluiu dança, teatro de fantoches, coral, exibição de documentários, degustação da culinária indígena, rituais, leituras em sateré-mawé e exposições de arte. Dessa forma, a feira consolidou-se como um potente espaço de socialização dos conhecimentos adquiridos, onde os estudantes puderam compartilhar suas vivências e aprendizados. Assim, ao longo de três meses de execução com turmas do ensino

médio, as ações foram desenvolvidas de forma articulada entre teoria e prática, conforme descrito a seguir.

DRAMATIZAÇÃO A PARTIR DE CONTOS INDÍGENAS

Após a leitura e o estudo de contos indígenas, os estudantes elaboraram roteiros para dramatizações, confeccionando por conta própria as indumentárias e os cenários. A primeira apresentação ocorreu em sala de aula, diante dos colegas, e posteriormente foi realizada no evento de culminância do projeto. Em consonância com a literatura de Freire (1996), destaca-se que as atividades contribuíram para o desenvolvimento da criatividade e do protagonismo juvenil, possibilitando que os estudantes se tornassem sujeitos ativos do processo educativo, valorizando seus saberes, experiências e contextos socioculturais.

TEATRO DE FANTOCHES (ARTES, LÍNGUA PORTUGUESA E SOCIOLOGIA)

Nas aulas de Artes, os estudantes foram organizados em grupos para elaboração de roteiros com temáticas sociais relevantes, como bullying, igualdade de gênero, meio ambiente e inclusão. Para representar essas narrativas, confeccionaram fantoches com materiais recicláveis, contribuindo tanto para a conscientização ambiental quanto para o estímulo à criatividade. Atividades simbólicas como essa são fundamentais no desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vigotski, 2003). Dessa forma, as apresentações possibilitaram o aprimoramento da expressão oral, da empatia e do trabalho em equipe, consolidando uma aprendizagem significativa.

CULINÁRIA INDÍGENA EM SALA DE AULA (ARTES, EMPREENDEDORISMO, HISTÓRIA E SOCIOLOGIA)

Nas aulas de Artes, os estudantes realizaram pesquisas sobre pratos típicos indígenas. A partir dessas investigações, elaboraram álbuns ilustrativos com imagens, ingredientes e modos de preparo. Posteriormente, a atividade culminou em uma degustação coletiva, promovendo o reconhecimento da culinária indígena como patrimônio cultural e forma de resistência. Além disso, esse momento fortaleceu o sentimento de pertencimento dos estudantes indígenas ao verem sua cultura valorizada e apreciada no espaço escolar. Hernández (2000) enfatiza a relevância da cultura visual como um campo de conhecimento que transcende os limites do ensino tradicional das artes, abrangendo múltiplas manifestações visuais responsáveis pela construção de significados sociais. Sob essa ótica, a compreensão dessas representações possibilita aos estudantes desenvolver uma postura

crítica e reflexiva diante da realidade, tornando-os mais conscientes de seu papel no mundo e aptos a interpretar o universo visual no qual estão inseridos.

DOCUMENTÁRIO "CULTURA SATERÉ-MAWÉ" (LÍNGUA PORTUGUESA, SOCIOLOGIA E HISTÓRIA)

Nas aulas de Língua Portuguesa, os estudantes aprofundaram o estudo do gênero documentário, elaborando roteiros e realizando entrevistas com colegas da etnia Sateré-Mawé. As filmagens foram realizadas com celulares, sob orientação docente, e utilizaram os espaços escolares como cenário o que contribuiu para tornar o processo mais acessível e significativo. Essa atividade possibilitou o desenvolvimento da leitura crítica, da escrita e de competências socioemocionais, em consonância com os princípios da BNCC, que valoriza práticas interdisciplinares e autorais (Brasil, 2018).

ÁLBUM LITERÁRIO E CULTURAL (LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E HISTÓRIA)

Na disciplina de Literatura, os estudantes realizaram leituras críticas de obras como "Macunaíma", "A Carta de Pero Vaz de Caminha" e textos de autores indígenas contemporâneos. Com base nesses materiais, estabeleceram conexões com mitos fundantes como "Árvore da Vida" e a lenda da tribo Macuxi, além de refletirem sobre o debate atual do Marco Temporal. A produção de portfólios reflexivos permitiu discutir o apagamento histórico dos povos originários e o papel da literatura na resistência indígena ao enfatizar a urgência do resgate dos saberes ancestrais (Krenak, 2020).

DANÇAS INSPIRADAS NAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ (ARTES E EDUCAÇÃO FÍSICA)

Nas aulas de Educação Física, foi desenvolvida uma atividade baseada em danças folclóricas inspiradas nas toadas do boi-bumbá, manifestação cultural tradicional de Parintins. Essa ação buscou promover a valorização da cultura indígena e a expressão corporal como instrumento pedagógico. A proposta, fundamentada nas concepções de Freire (1996), que defende uma educação problematizadora voltada ao estímulo do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia intelectual dos estudantes, foi estruturada em quatro etapas, a saber, (1) estudo da cultura indígena, (2) análise das toadas, (3) criação das coreografias e, (4) apresentação final. Ao término do processo, observou-se um aumento da autonomia, na criatividade e no respeito à diversidade cultural por parte dos estudantes,

evidenciando o potencial da dança como prática interdisciplinar entre as áreas de Artes e Educação Física.

Além das atividades principais, também foram realizadas ações complementares que enriqueceram o processo pedagógico, tais como práticas de grafismo corporal com tintas naturais, declamação de poemas sobre identidade e resistência, encenação de rituais simbólicos – como o da Tucandeira –, exposições de artesanato e socialização de produções autorais. Essas experiências contribuíram para ampliar o repertório cultural dos estudantes e fortaleceram os vínculos entre a escola e a comunidade.

DABACURI LITERÁRIO – O EVENTO FINAL

O evento intitulado "I Mostra Dabacuri Literário" foi uma celebração cultural inspirada nos rituais amazônicos e na partilha de saberes. A programação incluiu: (1) abertura oficial, (2) palestra de convidado indígena e especialista, (3) apresentações artísticas e culturais, (4) exposições visuais e literárias, (5) degustação de pratos típicos e (6) encerramento com partilha de experiências. O evento consolidou os aprendizados desenvolvidos ao longo do projeto e o compromisso com uma educação plural e humanizada.

A CULTURA INDÍGENA NO CONTEXTO ESCOLAR

A cultura indígena brasileira é uma das principais raízes formadoras da identidade nacional, reunindo uma vasta riqueza de saberes, mitologias, línguas, valores e formas de organização social. No entanto, historicamente essa cultura é tratada nos currículos escolares de forma pontual ou meramente folclórica. Nesse viés, a escola, como espaço de formação, tem o papel de romper com esse apagamento, promovendo uma educação que valorize a diversidade étnico-racial e cultural do país.

De acordo com a Lei nº 11.645/2008 é obrigatória a inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo oficial da rede de ensino. Essa legislação representa uma resposta à necessidade de superar o silenciamento histórico e dar visibilidade aos povos originários enquanto sujeitos históricos ativos. Conforme argumenta Munduruku (2009) – escritor e educador indígena – a abordagem educativa voltada aos povos indígenas não deve restringir-se à mera transmissão de conteúdos sobre esses sujeitos, mas deve incluir a participação ativa deles, no processo de ensino-aprendizagem, com a devida valorização de seus saberes tradicionais e de suas concepções de mundo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também destaca a importância da valorização das diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira, com ênfase na promoção do respeito à pluralidade. No campo da Linguagem e da Literatura, a BNCC propõe a leitura de autores indígenas e de produções que ampliem a compreensão dos múltiplos modos de ser e viver.

O RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS

De acordo com Walsh (2009) a interculturalidade crítica propõe o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais, indo além da simples tolerância e promoção de diálogo entre saberes. No espaço escolar isso exige uma prática pedagógica que considere os conhecimentos tradicionais indígenas como legítimos e relevantes na formação dos sujeitos.

Segundo Candau (2012) e Krenak (2020), a educação intercultural implica não apenas a inclusão de conteúdos sobre povos indígenas, mas também a transformação das estruturas escolares e suas relações pedagógicas. É fundamental compreender que os povos indígenas possuem sistemas próprios de conhecimento, espiritualidade, organização social e práticas educativas.

A política pública Cultura Viva, instituída pela Lei nº 13.018/2014, reconhece a importância dos Pontos de Cultura como espaços de fortalecimento da cultura popular e tradicional. Aplicada à escola, essa política pode contribuir para a construção de projetos pedagógicos culturalmente sensíveis e participativos (Brasil, 2014).

"Dabacuri Literário" é um projeto pedagógico inspirado no ritual do Dabacuri, que simboliza o encontro, a partilha e a renovação social por meio da troca de saberes, de experiências e de vivências (Souza, 2021). Transpondo para o ambiente escolar, o Dabacuri tornou-se metáfora de um evento coletivo de partilha literária e cultural, em que os saberes indígenas foram celebrados em sua potência educativa, estética e política. Segundo Krenak (2020, p. 14), é preciso "adiar o fim do mundo" por meio do resgate de modos de vida que respeitem a natureza e o coletivo no qual são princípios presentes na cosmovisão indígena. Ao trazer essas perspectivas para a escola, por meio da Literatura, da História, da Educação Física e das Artes, o projeto contribuiu para a formação de estudantes mais sensíveis, críticos e conscientes de sua inserção em uma sociedade plural.

CONCLUSÕES

A realização do projeto demonstrou um impacto significativo na formação ética, crítica, estética e cidadã dos estudantes. A participação ativa nas atividades, que inicialmente sofreu resistência por parte de alguns estudantes, despertou o interesse e o envolvimento dos jovens com as temáticas abordadas. Os relatos dos estudantes indígenas expressaram, de um lado, a nostalgia em relação aos costumes e hábitos vivenciados na aldeia e, de outro, a satisfação por poderem estudar em um espaço escolar que valoriza sua cultura de origem. Neste contexto, Hernández (2000) ressalta que na contemporaneidade a educação deve ser considerada como um processo de construção de identidade, significados, tornando o ensino um espaço de produção de sentido, e não apenas transmissões de informações.

Entre os estudantes não indígenas, observou-se uma mudança de percepção em relação aos povos originários, que passaram a ser reconhecidos como sujeitos históricos, contemporâneos e diversos. Essa mudança reflete um avanço na construção de uma consciência crítica, baseada no respeito às diferenças e no reconhecimento da pluralidade cultural do Brasil.

Além disso, o projeto fomentou o protagonismo estudantil, o trabalho colaborativo e o fortalecimento dos vínculos entre família, escola e comunidade. A ampliação do envolvimento da comunidade escolar demonstra a potência de práticas pedagógicas integradoras, capazes de mobilizar diferentes sujeitos em torno de objetivos educativos comuns.

Segundo Brandão (2002), é por meio da valorização dos saberes populares e da escuta atenta aos diferentes sujeitos que a educação cumpre sua função emancipadora. O “Dabacuri Literário”, nesse sentido, constitui-se como um espaço de troca simbólica e cultural, ressignificando o papel da escola na construção de uma sociedade plural, democrática e inclusiva.

O projeto “Dabacuri Literário: Expressão da Cultura Indígena” evidenciou o potencial transformador da escola como espaço dialógico e intercultural, ao promover o contato direto com os saberes e as expressões culturais dos povos indígenas. A iniciativa demonstrou que práticas pedagógicas construídas a partir do diálogo, da escuta sensível e da valorização da diversidade são capazes de romper com os paradigmas coloniais que ainda sustentam grande parte do currículo escolar brasileiro. Nesse sentido, o projeto reafirma o papel da escola como território de resistência, de reconhecimento e de produção de saberes plurais.

Ao integrar diferentes áreas do conhecimento em uma abordagem interdisciplinar, o "Dabacuri Literário" fortaleceu a aprendizagem significativa e contribuiu para a construção de uma consciência crítica e antirracista. A valorização das narrativas indígenas, a leitura de autores originários e as experiências práticas possibilitaram aos estudantes – indígenas e não indígenas – compreenderem a relevância histórica, social e política dos povos originários, superando estereótipos e reconhecendo-os como sujeitos contemporâneos e produtores de conhecimento. A interdisciplinaridade, nesse sentido, funcionou como uma estratégia de descolonização do saber, reconhecendo que o conhecimento indígena é múltiplo, profundamente ligado à natureza, à oralidade e ao território. Ao entrelaçar campos distintos, o projeto rompeu com hierarquias epistemológicas e promoveu uma formação que valoriza o sensível, o corpo e a palavra como dimensões legítimas da aprendizagem.

A participação ativa dos estudantes no processo formativo foi um dos elementos mais significativos do projeto. Observou-se, ao longo das etapas, uma crescente autonomia e engajamento, resultando em produções criativas, conectadas à realidade local. Os estudantes indígenas, ao perceberem sua cultura representada e valorizada, fortaleceram o sentimento de pertencimento e identidade, enquanto os nãos indígenas desenvolveram empatia, respeito pelas diferenças culturais. Essa interação revelou o poder da escola como espaço de convivência intercultural, onde o aprender acontece em rede, na troca e na partilha, como simboliza o próprio ritual do "Dabacuri".

Além do impacto educacional, o projeto promoveu também uma transformação simbólica no cotidiano escolar, consolidando práticas pedagógicas que valorizam o território, a oralidade e as experiências comunitárias. Essa vivência ressignificou a relação entre escola e comunidade, aproximando famílias, professores e estudantes em torno de um objetivo comum, a construção de uma educação comprometida com a valorização das identidades amazônicas.

A experiência do "Dabacuri Literário" aponta caminhos possíveis para uma escola que assume seu papel político na consolidação de uma sociedade plural e democrática. Mostra que a implementação efetiva das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 não deve se restringir ao cumprimento burocrático, mas deve se traduzir em ações pedagógicas vivas, sensíveis e transformadoras, que façam da diversidade um princípio orientador da prática educativa.

É importante salientar que o sucesso do projeto não se limita à sua execução pontual, mas reside na possibilidade de continuidade e de multiplicação. O "Dabacuri Literário" pode inspirar outras instituições a repensarem suas práticas, incorporando metodologias interdisciplinares, artísticas e culturais que dialoguem com o território e com os sujeitos que o habitam. Assim, a escola deixa de ser mera transmissora de conteúdos e se torna espaço de produção de sentidos, de escuta e de reconhecimento mútuo.

Em síntese, o "Dabacuri Literário" reafirma que a interdisciplinaridade ao promover a integração entre áreas e saberes, rompe fronteiras disciplinares e simbólicas, permitindo que a diversidade se torne eixo estruturante da prática educativa. Educar, nesse horizonte, é partilhar mundos — e cada gesto pedagógico sensível, como ensina Krenak (2020), é uma forma de adiar o fim do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394/96 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 15 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014**. Institui a Política Nacional de Cultura Viva. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 05 mai. de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 14 mar. 2025.

CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural: mediações e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Gabriel. "Dabacuri" **Portal Amazônia**, 22 de abril de 2021. Disponível em: https://portalamazonia.com/amazonia-de-a-a-z/dabacuri/. Acesso em: 15 de fev. de 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento outro desde a diferença colonial. In: WALSH, Catherine; CANDAU, Vera M. (orgs.). **Interculturalidade, educação e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges. **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de Educação Física. **Caderno de Educação Física e Esporte**. V.19, n.3, p. 19-25, set./dez. 2021.